

Congreso Iberoamericano de Educación

METAS 2021

Un congreso para que pensemos entre todos la educación que queremos
Buenos Aires, República Argentina. 13, 14 y 15 de septiembre de 2010

DOCENTES

JOSÉ JÚLIO DE BETTENCOURT RODRIGUES – UN HOMBRE DE ARTE Y CIENCIA EN PORTUGAL Y BRASIL

Aires Diniz¹
Luísa Martins²
Jorge Bonito³

¹ Escola Secundária de Avelar Brotero de Coimbra (Portugal). aires.diniz@hotmail.com

² Universidade de Évora (Portugal). jbonito@uevora.pt

³ Escola Secundária de Alves Martins de Viseu (Portugal). luisalopesmartins@gmail.com

José Júlio Rodrigues – Um Homem da Arte e Professor de Química e de Física

O Professor José Júlio Rodrigues era um homem multifacetado como o mostra a múltipla obra que publicou, e que abrange não só a ciência experimental na química e ainda a física, mas também a Música e a Pintura, contribuindo para nos ligar aos movimentos europeus de arte, ciência e pedagogia. Liga tudo numa racionalidade que aplica ao fenómeno artístico da música e da pintura que nos impressiona pela coerência e firmeza com que o faz. É o que vamos analisar sucintamente através das regras com que explicita os objectivos pedagógicos que devem ser prosseguidos nas aulas de química, que são a segurança nas manipulações químicas e, também, desenvolver a capacidade de entender a química e a física como ciências experimentais.

1 – Percurso escolar e profissional – uma primeira abordagem

Na certidão de nascimento que José Júlio Bettencourt Rodrigues entregou na Universidade consta que tinha nascido em 5 de Novembro de 1876, sendo filho legítimo de José Júlio Rodrigues, lente da Escola Politécnica e de Eulália Henriqueta Bettencourt Rodrigues, sendo o pai da Madeira e a mãe de Cabo Verde. Era neto paterno de José Júlio Rodrigues e de Teresa Cristina Bettencourt Rodrigues e materno de Francisco Maria Bettencourt e Teresa Carolina Brito Bettencourt. Era padrinho Júnio Gualberto Bettencourt, madrinha Nossa Senhora da Conceição e estava presente António Maria Bettencourt Rodrigues, solteiro, sendo os dois tios do baptizado.⁴

Oriundo de uma família madeirense, será com nostalgia e poesia que nos mostra a vida que teve na rua da Carreira, no Funchal, onde decorreu parte da sua infância numa casa de aristocratas burgueses, que recorda num texto cheio de saudade chamando-lhe à velha casa uma “casa *assombrada*” num sentido amargamente saudoso (Rodrigues, 1930, pág. 165). O pai é o grande químico português, José Júlio de Bettencourt Rodrigues a quem dedicará o livro *A Música de Wagner*, onde escreverá:

“À Memória de meu Pai Aquele, cujo robusto talento e grande coração me forneceram os mais altos e indeléveis ensinamentos da minha Mocidade. Eu dedico o meu primeiro livro.”

Dedicar-lhe-á um texto em 1930 onde traça o retrato de um homem lutador pelo bem e imagem do país pois fazia da ciência uma forma de o valorizar e de o preparar para o futuro. De facto, em 1876 já era um cientista de reputação europeia pois tinha desenvolvido a secção fotográfica ou artística da Direcção Geral dos Trabalhos Geodésicos desde Fevereiro de 1872. Organizou-a e desenvolveu-a, valorizando este serviço contra a má vontade dos que não percebiam a sua real valia. Através da notícia que elabora em 1876, vemos como desenvolveu processos de produção fotográfica que inseriram Portugal neste processo científico que domina bem (Rodrigues, 1878).

O pai foi professor no Liceu Nacional de Lisboa e lente de Química na Escola Politécnica de Lisboa e no Instituto Industrial e Comercial de Lisboa. Foi sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa, do Instituto de Coimbra, da Sociedade de Geografia, da Sociedade de Ciências Médicas, da *Société des Gens de Lettres*, e da

⁴ Arquivo da Universidade de Coimbra, Certidões de Idade, Depósito IV, 1ª secção D, estante 5, tabela 2, n.º 67.

Sociedade Francesa de Fotografia, entre outras”.⁵ Quase no final da vida, em 1892, escreveu "Simples apontamentos de alguns trabalhos e serviços de José Júlio Bettencourt Rodrigues durante 28 anos de vida pública em Portugal: publicações até Maio de 1892". É o resumo de uma vida científica obstaculizada por um poder político obtuso, que merece um trabalho autónomo que neste estudo estaria desajustado.

Em 21 de Julho de 1884, fez uma conferência brilhante sobre Lisboa e a Cólera, publicada em 1884 com o título “Lisboa e o cholera”, *Bibliotheca do povo e das escolas*, David Corazzi, Lisboa, 1884. Aí mostra como a falta de higiene pública está directamente ligada com a emergência desta doença.

O tio António Maria Bettencourt Rodrigues (1854-1933)⁶ frequentou em 1870-1871 as Faculdades de Matemática e Filosofia (Rodrigues, 1922, p. 221). Através da leitura do seu trabalho de 1922, verificamos que é extremamente actualizado nas modernas técnicas da medicina. De facto, ele e José António Serrano foram pioneiros na descoberta da endocrinologia em 1890 ao aplicarem metade da tiróide de uma ovelha no tratamento do myxedema de uma mulher, obtendo bons resultados, uma experiência repetida por George Murray em 1891 com ainda melhores resultados.⁷ Foram assim os fundadores da endocrinologia. Ernesto Castro Leal (2010, p. 6), identifica-o como “médico alienista, doutorado em 1886 pela École de Médecine de Paris, que esteve exilado voluntariamente no Brasil, entre 1892 e 1913, devido às suas convicções republicanas. Foi um dos maiores entusiastas da Confederação Luso-Brasileira como utopia etnocultural, geopolítica e económico-social concretizar gradualmente. Segundo ele, os dois Países unidos numa “das mais formidáveis potências mundiais” poderiam ter como consequência a formação de um grande bloco luso-hispano-americano, concretizada que fosse a aliança estabelecida entre a Confederação Luso-Brasileira com a Espanha e as Repúblicas americanas de influência espanhola, num bloco que estava “destinado a ser talvez o centro de aglutinação de toda a latinidade””. De facto, sintonizado com a ideia de luso-brasileirismo, escreveu “Uma Confederação Luso-Brasileira”, publicada pela Livraria Clássica Editora em 1923.

Por proposta sua realizar-se-ia na cidade de São Paulo em Outubro de 1897” o 4º Congresso de Medicina e Cirurgia. Mas, por falta de recursos, foi cancelado e foi realizado em 1900, no Rio de Janeiro.⁸

Note-se que acabou por ser Ministro de Carmona no pós 28 de Maio⁹ e candidato a presidente da República em 1925, perdendo a favor de Bernardino Machado, sendo ainda ministro interino da Justiça de 11 a 18 de Abril de 1928.¹⁰ Teve ainda outros cargos políticos cuja seriação e listagem deixamos para mais tarde.

Concluimos por isso: José Júlio Bettencourt Rodrigues teve o berço familiar necessário para ser um professor de química predisposto a abraçar uma atitude basicamente experimental no ensino e uma actividade cultural multifacetada.

⁵ Ver <http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/p36.html>, acesso em 21 de Fevereiro de 2010. acesso em 21 de Fevereiro de 2010.

⁶ Ver http://www.geneall.net/P/forum_msg.php?id=150077, acesso em 30 de Março de 2010.

⁷ Edward Shorter, Max Fink - Endocrine Psychiatry – Solving the Riddle of Melancholia, Oxford University Press, 2010, p.18.

⁸ Ver <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/P/verbetes/socmedcirsp.htm>, acesso em 11 de Abril de 2010.

⁹ Ver <http://www.cm-sjm.pt/153>, acesso em 11 de Abril de 2010.

¹⁰ Ver www.mj.gov.pt/sections/o-ministerio/historia-do-ministerio/ministros-da-justica-de/downloadFile/attachedFile_f0/MinistrosJUSTICA.pdf?nocache=1147284368.91, acesso em 11 de Abril de 2010.

2 – Os anos de formação

2.1 – Os Anos de Coimbra

Tendo sido estudante de Coimbra, investigámos a sua passagem a sua passagem pela Universidade. Numa perspectiva autobiográfica, mostrando a fragilidade cultural da vida universitária escreve: “Entalado no restrito meio, mais do que calmo, estagnado, de Coimbra, os ecos dessa personalidade (Wagner) tinham chegado até mim, singularmente desfigurados pelos prismas vários das interpretações, quer literárias, quer pitorescas” (Rodrigues, 1898, p. 88).

Apesar de se afirmar desconhecedor da técnica de executante musical, sabemos que em 1895 n’ “uma noite em Bruxelas, em pleno inverno, por um ataque de melancolia nostálgica que nos acomete a miúdo, quando algumas centenas de léguas nos separam da terra que nos viu nascer, entrei por desfazio na Opera” (Rodrigues, 1898, p. 87). E nessa noite dormiu “no seio de uma orquestração ideal de mil tonalidades confusas e sonhadoras e na manhã seguinte, creio que acordei Wagneriano” (p. 93). Na sequência, em nota prévia num estudo que faz desta música, afirma:

“Para os ignorantes, que são muitos e em geral para todos aqueles que não compreendem que alguém possa emitir reflexões sobre música Wagneriana, sem conhecimentos musicais profundos e sem foros de executante, eu indico a abrigar e escudar o meu nome, o de um dos maiores críticos teatrais da Europa, o grande poeta e contista francês **Catulle Mendés**¹¹, que publicou sobre a obra de Wagner um livro de 290 páginas, onde se não encontra uma única reflexão técnica ou uma nota musical. Como explicação disto direi apenas que esta obra é essencialmente DRAMÁTICA e FILOSÓFICA” (p. 6).

Reforça esta ideia dizendo que não é “um músico versado nos segredos mais íntimos do contra-ponto, ou um executante possuidor de mil *trucs* da técnica da técnica musical” (p. 7), é um analista das emoções psicológicas, d’ “os mil arrebatamentos estáticos, que nos oferecem à alma a plena inteligência e a compreensão íntima da obra Wagneriana” (pág. 9). Na verdade, está marcado pelo simbolismo de Baudelaire via Verlaine, aderindo a uma arte “essencialmente progressiva visto marchar para a mais refinada espiritualização, mas profundamente anti-civilizadora e antes de mais nada, era isto que eu queria assinalar, humana, vivida por cada um que a ouve, *nossa*, se posso dizer assim, construída *da essência das emoções*, eis a razão por que ela a todos nós os que a ouvimos, nos entra a fundo no espírito, nos desnorreia, nos arrebatava, nos enleva, nos faz sofrer, nos comove, nos assombra” (pág. 82). É onde usa um método científico, pois, quanto ouve e lê opiniões alheias, procura sempre confirmá-las pela observação. Sabemos através da forma como o faz pois memoriza as críticas para na observação as conferir com o que vê. Contudo, como bom conhecedor das suas limitações, afirma no final que “a outro, não leigo em música, cabe a missão de desvendar os complexos mistérios das suas maravilhas orquestrais” (pág. 411).

Mostra-se aí bom conhecedor do que impede a “raça inteligente, espontânea, sensível, nervosa...” que somos. E a razão é porque nos falta:

¹¹ **Catulle Mendés** (22/5/1841 – 8/2/1909) era um poeta francês com ascendência portuguesa de origem judaica, nascido em Bordéus. Ver http://en.wikipedia.org/wiki/Catulle_Mend%C3%AAs, acesso em 26 de Maio de 2010.

“Aquilo que Taine chama o *meio* por excelência, a conveniente estufa de equilibrada e regulada temperatura, indispensável ao cumprimento de todas as promessas que encerram esses milhares de botões em flor.

Falta o meio, porque faltam educadores!

Porque falseada a compreensão da existência e dos deveres do homem na terra, a nossa geração de dirigentes não entende o modo de desbravar os caminhos da floresta da vida diante de uma Mocidade impaciente que, encarreirada erradamente numa mesma estrada de monotonia, vai quebrando os alentos nas dificuldades, até surgir por fim à luz, transmutada numa anemia escoria, incapaz e inerte, tanto para as claridades severas dos Palácios de Arte, como para a incumbência cheia de responsabilidades, do salvamento e da Direcção de um País.

Falta o meio, porque hoje no grande mundo burguês de Portugal, uma meta simboliza a aspiração total de um futuro: o *Bacharelato*.” (p. 402).

Propõe por isso um escudo que proteja as “mil aptidões diversas” que todos os anos enchem as escolas e que não se afirmam por lhes faltar tenacidade, que sobram às raças do norte que monopolizaram esta qualidade, “e que por isso depressa se sufocam, magoadas de encontro às mil arestas do dever escolar, de ciências mais ou menos áridas, antipáticas muitas vezes, insuportáveis algumas!...” E como “somos neste ponto os homens da pedra da Europa d’ hoje” (p. 403), preconiza que a família deve apoiar o desenvolvimento dos seus filhos vocacionados para a Arte, criando assim “o terreno a contar para o futuro rebento de grandes Portugueses!” (pág. 408), conclui:

“...E assim, quando a nossa burguesia pensar de outra forma, quando o Artista para ela, deixar de ser um aborto desequilibrado, para ser o que é, um homem que vive muitos pés acima da massa, qualquer, que acorde uma manhã com uma manhã com uma vocação decidida de vir a ser Músico, de imitar ou de seguir Wagner ou Beethoven, ao ir notificar aos papás a sua resolução, encontrará em cada um um sorriso carinhoso, a irmã mais velha docemente o beijará numa carícia muda de felicitações e ao sair em busca de grandes Destinos, a voz dos Educadores, longe de o crivar de oposições e de preconceitos, ainda o seguirá, impelindo-o num varonil e nobre amparo:

Vai...meu filho...vai!...” (pág. 410).

Para nos esclarecer, lemos o livro *Silhuetas e Visões*. Infelizmente, desapareceu da Biblioteca Municipal de Coimbra, mas pude lê-lo na Biblioteca Municipal de Leiria. Sabemos nele que viveu a Coimbra do Simbolismo, onde pontificavam António Nobre e Eugénio de Castro. Havia então um ambiente de euforia onde o *footing* coimbrão se fazia na estrada da Beira e a discussão nefelibata na Calçada, nos Gerais, nos cafés da Sofia. Era então figura activa na militância cultural Bernardino Machado e o poeta Eugénio de Castro interpretava magistralmente o Rei Galaor. Tinha vindo há pouco da Bélgica onde tinha estudado música e química e que, em Coimbra, Wagner, talvez por influência dele, tinha sido adoptado pelos novos como músico do Simbolismo. De facto, tinha publicado já “A Música de Wagner” e recebido um cartão de Cosima Wagner mandado de Bayreuth sobre esta sua obra. Com Luís de Albuquerque, criou o romântico grupo do Santo Graal com sede no seu quarto, atravancado por um cansado piano e aí se fizeram muitos concertos com execuções imperfeitas (Rodrigues, 1930).

2.2 – Bruxelas

Pelo meio, morou em Bruxelas por duas vezes, 1895-1897 e 1907-1908, vivendo aí o ambiente revolucionário do final do século XIX e nos inícios do Século XX, altura em que conheceu muitos revolucionários russos, conhecendo de perto o ambiente em que Lenine se tornou marxista e conheceu a niilista Ida Roubine com quem conviveu. Este encontro deve ter sido em 1908, quando esteve aí em missão de estudo pois diz que era missionado do governo. Conta então que “muitas vezes, ao lado do meu filho pequeno, meu único companheirinho, que dormia no grande leito do meu aposento, nós conversávamos até tarde da noite” (Rodrigues, 1930, pág. 230).

Fala assim de um filho cujo rasto se perdeu. Dele falará a propósito de Guerra Junqueiro, recordando que depois da morte do pai: “Eu fui para Coimbra. Veio a República, e em princípios de 1911, numa fina manhã de Outono, doirada e macia, na rua do Ouro, encontrei de novo Guerra Junqueiro”. Conta que este tratou com entusiasmo o pequenito Germano, de 7 anos, moreninho de olhos ardentes, o filho de José Júlio Rodrigues, e continuou este deambular de recordações para nos informar da recusa do poeta em ir ao Brasil por ter medo do mar. O convite era-lhe feito por ele, o fundador do Núcleo de Expansão Nacional que queria levar até ao Brasil “um grupo representativo de todas as classes mentais do país” (Rodrigues, 1930, pág. 309).

De facto, após a informação de que se chamava Germano, foi possível detectar a presença no Brasil de Germano Bettencourt Rodrigues, que era em 1933 o responsável pela contabilidade da Companhia Usina do Outeiro, pois se diz que em 28 de Maio é o chefe de escritório da sua sede¹², actuando em Agosto de 1933 como 1º secretário da assembleia de accionistas como accionista.¹³ Teria então 29 anos.

Continuando, mostra-se um admirador desta revolucionária, que sofreu a fuga, o exílio e a pobreza, que tinha como característica a aristocracia mental, que contrastava com o seu individualismo aristocrático, realça:

“Nela havia de facto o formidável contraste entre o plano de vida desmesurado, de alma amadurecida pelo sofrimento, e a fragilidade de um corpo todo grácil e feminino. E era bem esse mesmo contraste que todos sentiram ao defrontar Lenine – o Czar Vermelho, - entre a dureza mongólica e teimosa do crânio voluntário, e a doçura inexcelsível dos olhos cândidos e profundos, transbordantes de confiança e luz!” (Rodrigues, 1930, pág. 238).

Antes, em 1895, escreveu sobre Literatura e Arte, uma rubrica em *Resistência*. É onde fala de donzelas e cavaleiros andantes, com o subtítulo *Ceci Tuera Cela!* e dedica-o a M....¹⁴ Alguns dias mais tarde, 21 de Abril de 1895, conta a fuga de um chefe de uma revolução falhada, após a matança dos seus soldados, onde é sublinhada a existência de “um pobre e obscuro operário”. Enceta assim um folhetim com o título genérico “Scenas de Revolta”¹⁵, que termina logo a 28 de Abril.¹⁶

¹² In <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/2104179/dou-secao-1-28-05-1932-pg-58>, acesso em 16 de Junho de 2010.

¹³ In <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/2135722/dou-secao-1-09-08-1933-pg-59>, acesso em 16 de Junho de 2010.

¹⁴ *Resistência*, ano 1, 18 de Abril de 1895. n.º 17, p. 3, col. 1.

¹⁵ *Resistência*, ano 1, 21 de Abril de 1895. n.º 18, p. 3, col. 1.

¹⁶ *Resistência*, ano 1, 28 de Abril de 1895. n.º 20, p. 3, col. 1.

Homem de ciência, não deixa de ter a experiência da relação com o mundo do espiritismo, que faz situar no Rio de Janeiro, relatando que antes: “Numa noite coimbrã, numa casa velha do Palácios Confusos, depois de uma mórbida audição de Chopin, achávamo-nos em volta de uma mesa, eu e dois companheiros, à espera que se manifestasse algum espírito condescendente. A breve trecho a mesa acusou a insólita presença do Catão (o do delenda Carthago)” (Rodrigues, 1930, p. 70).

Junta o espiritismo com a ciência e faz o que designa por reabilitação do absurdo, pois esvazia muitas teorias científicas de significado, adiciona-lhe a revolução social que transformou a cegueira do século XIX num século XX de revindicta e de lucidez, mandando a burguesia varrer as ruas de Moscou, dizendo com ironia que:

“Através da perda de milhões de vidas e do gasto de milhões de inteligências, o homem conquista o direito triunfal e amargo de voltar ao ponto de partida!!” (p. 87).

2.3 – Uma formação de Esteta entre a ciência e a psicologia

Curiosamente, na bibliografia apresentada em 1913, não refere um artigo publicado no Boletim da Associação do Magistério Secundário Oficial de que foi feita uma separata: O Paço Episcopal de Lamego, Porto, Tipografia a Vapor da Empresa Literária e Tipográfica, 1908. Iconoclastamente, defende aí que a nossa arte é tributária da arte estrangeira, reduzindo-a a simples adaptação de modelos externos. Explica-o dizendo que Grão Vasco pela pintura que fez é um gótico flamengo indiscutível, Salgado é um francês da escola clara de Bourgeois, Columbano é um espanhol com uma mescla de Bonnat e Carlos Duran, Malhoa é um bretão de rir mais meridional e que o Rei D. Carlos “que é um pastelista exímio é um bom exemplar da escola paisagista de Barbisson e Fontainebleau”. Mostra nesta sua argumentação como absorveu não só a ciência química e física belga, mas também toda a metodologia artística que muito tem a ver com a construção das cores, usando assim de forma prática a química e a física. No “Esboço de uma Filosofia de Arte”, Conferência realizada na Associação de Jornalistas (pela Liga de Educação Estética), existe um retrato seu desenhado à pena por Ernesto Korrodi¹⁷, que deve ter conhecido em Leiria. Aí, marcado por Freud, procura fazer a anatomia da emotividade humana, reencontrando na obra de arte a expressão social das emoções de cada época, entendida como limite da racionalidade historicamente possível, para encontrar o significado da obra de arte que para ele é historicamente determinado, conclui pela:

1. “Transposição da noção de Belo absoluto das regiões meramente metafísicas, para o campo restrito da pura espiritualidade nervosa.
2. Degradação dos fins da Obra de Arte à mera busca do maior e mais largo abalo da zona ilógica da personalidade.
3. Predomínio fatal e crescente do Inconsciente sobre a Lógica, a ditar o *Impulsivismo* e a entibiar até o livre arbítrio da personalidade criadora.
4. Sugestão crescentemente corrosiva da Obra de Arte por movimento progressivamente maior e mais frequente da autonomia última do sistema nervoso, entreabrindo a cada passo os portais fronteiriços da Loucura.

¹⁷ Ernesto Korrodi nasceu em Zurique, a 30 de Janeiro de 1870. Em 1888, concluiu o curso de escultor-desenhador e de professor de desenho, concorreu a um lugar de professor de desenho, leccionando entre 1889-1894 na Escola Industrial de Braga e, em 1894, é transferido para a Escola Industrial Domingos Sequeira, em Leiria, onde virá a falecer em 3 de Fevereiro de 1944 como arquitecto e desenhador de prestígio. Ver <http://www.adleiria.pt/main/index.php?p=74>, acesso em 30 de Março de 2010.

Esta Estética, talvez desconsoladora é, creio-o firmemente, hoje, a única possível. Na Arte como na Vida passou a asa sombria do desalento e do pessimismo” (Rodrigues, 1910, pág. 45).

3 – Uma pequena biobibliografia

Em Setembro de 1912, na nota biográfica no volume 1 de *A Química Prática dos Liceus*, p. 1, informa que é professor efectivo de química dos Liceus de Lisboa, Antigo Reitor, Director da instalação química do Liceu Camões, antigo químico analista da Escola Central de Agricultura, secretário e vogal da comissão de reforma de Instrução Secundária, com serviços de membro de júri de concurso para professores liceais de química e de presidência de exames de saída do curso complementar dos Liceus (Ciências). No Liceu Camões foi secretário interino a seguir ao 5 de Outubro, mas por decreto de 30/1/1911, publicado em 2/2/1911, deixa este cargo pois o secretário efectivo deste liceu, António Policarpo das Neves toma posse em 6/2/1911.¹⁸

Em 1911 publica um Tratado Elementar de Física destinado aos 4º e 5º anos dos liceus portugueses e dos ginásios brasileiros, editado pela Livraria Clássica Editora. Em 1913, em *Elementos de Física*, prefaciado em Maio, lista as seguintes publicações:

O ensino das ciências na Bélgica (Relatório de uma missão de Estudo, publicado no *Diário do Governo* – 26 fototipias). 1909.

Um tipo de instalação prática de ciências (com plantas e fototipias – no Anuário do Liceu de Leiria), 1910.

Anuário do Liceu de Leiria durante a Reitoria do Autor. 1910.

Esboço de um projecto de reforma do ensino secundário português. (Em colaboração com o Dr. Acácio Guimarães)¹⁹, Lisboa: Livraria Ferreira, 1911.

Esboço de uma Filosofia de Arte. Conferência realizada na Associação de Jornalistas (pela Liga de Educação Estética). 1 vol. 1911.

Tratado elementar de Física (para o 4º e 5º anos portugueses e dos primários brasileiros). 1 vol. Com 622 págs. e 498 gravuras). 1911.

A Química prática dos Liceus. (Curso completo elementar, para uso dos alunos da 3ª, 4ª, 5ª, 6ª e 7ª classes do Curso dos Liceus Portugueses.) – 3 vols. in 16º, ilustrado com numerosas gravuras. – 1912, Livrarias Aillaud e Bertrand, Paris e Lisboa, e Livraria Francisco Alves, 1913, Rio de Janeiro, S. Paulo e Belo Horizonte.

Curso Elementar de Química Geral. – 3 Volumes.

Introdução teórica ao estudo da Química sob um ponto de vista elementar, Livrarias Aillaud e Bertrand, Paris e Lisboa, e Livraria Francisco Alves, 1913, Rio de Janeiro, S. Paulo e Belo Horizonte.

Tratado de Química mineral inorgânica.

¹⁸ *Arquivo do Liceu Camões*, Auto de Posse de António Policarpo das Neves.

¹⁹ Era Reitor do Liceu Camões em 1911, sendo José Júlio Bettencourt Rodrigues seu secretário interino até ser substituído por António Policarpo das Neves como já vimos.

Tratado de Química orgânica.

Elementos de Física, Livrarias Aillaud e Bertrand, Paris e Lisboa, e Livraria Francisco Alves, 1913, Rio de Janeiro, S. Paulo e Belo Horizonte.

Em todos estes livros está bem patente a vontade de mostrar que está dentro dos problemas pedagógicos brasileiros, sendo natural que vá para o Brasil em 1913.

4 – O professor e o Reitor

Vamos agora analisar sucintamente os vários passos da sua vida conjugando as informações contidas em *O Brasilde relance* em 1941 (pp. 167-175) e em *Comentários do Prof. Dr. José Júlio Rodrigues às lições proferidas durante o ano lectivo de 1947* em 1948 (pp.52-58).

4.1 – Coimbra

José Júlio Rodrigues leccionou em 1898 no Colégio Académico, na Rua Ferreira Borges, 132, 1º andar, um curso de “Prática de Leitura, escrita e conversação Francesa” das 5horas às 6h30 da tarde. Apresentado no anúncio como alguém que chegou há pouco de Paris e Bruxelas, pormenoriza-se: “O Sr. José Júlio Rodrigues além do conhecimento prático do francês, que falou durante dois anos na respectiva nação, tem, por herança e esforço próprio, os mais subidos dotes de inteligência e vocação para o ensino”.²⁰ Como químico analista da Escola Central de Agricultura de Coimbra no ano de 1900, deve ter feito um ano de serviço. Estranhamente, é difícil penetrar nos seus arquivos. Encontrámos na biblioteca dois exemplares do Tratado Elementar de Física de 1911, um adquirido em 20/2/1913 e outro em 23/5/1935.

4.2 – Angra do Heroísmo

Durante o ano de 1901 estreia-se como professor efectivo no Liceu Nacional de Angra do Heroísmo do 6º grupo que era então das ciências físicas e naturais.

Na versão portuguesa de *Silhuetas e Visões*, transcreve-se o prefácio para afirmar que se tornou conhecido a partir do concurso com que ganhou a cadeira de química e história natural no Liceu de Angra do Heroísmo nos Açores. E talvez por modéstia excessiva não se refere que já tinha publicado um livro sobre música.

4.3 – Lamego

José Júlio de Bettencourt Rodrigues, foi transferido o liceu de Lamego por decreto de 27 de Fevereiro de 1902, publicado a 8 de Março de 1902, 2ª série, com visto de 5 de Março desse mesmo mês e ano, entrando em funções em 11 de Março de 1902, dia que tomou posse do lugar de professor efectivo do 6º grupo (Mesquita, 1943, p. 164). Consultado, o Diário do Governo sabemos que trocou com José Augusto dos Santos já este foi colocado no Liceu de Angra de Heroísmo.²¹ Mais tarde foi transferido para o liceu de Leiria por decreto de 6 de Maio de 1909. Fez portanto 7 anos de serviço em Lamego embora tivesse ausências na Índia e em Bruxelas. Somaram estas mais de 19 meses. De facto, em 1906, esteve em Comissão de Serviço no liceu de Nova Goa de 1 de Junho a 30 de Novembro e, no regresso, nomeado membro de júris de concursos para professores liceais do Ultramar pelo Ministério da Marinha.

²⁰ *Resistência*, ano 3, 2 de Janeiro de 1898. n.º 299, p. 3, col. 3.

²¹ *Diário do Governo*, ano 1902, n.º 54, sábado, 8 de Março de 1902, pág. 677, coluna 3 e pág. 678, coluna 1.

Curiosamente no ano lectivo de 1904-1905 desapareceu no dia 9 de Junho conforme está registado no seu processo individual. Esta informação é confirmada pela inexistência de sumários a partir dessa data no livro de ponto desse ano lectivo. Foi quando nasceu o filho Germano fora do seu casamento. Para complicar no dia 28 de Junho baptizaria na Igreja Paroquial de Santa Maria de Almacave um filho de nome Júlio nascido do seu casamento.²² Explica-se assim o seu desaparecimento e a perturbação que estes acontecimentos lhe trouxeram. Dois filhos no espaço de poucos dias ou meses, sendo um deles fora do casamento, era coisa difícil de gerir.

Começa a trabalhar em Lamego em Abril de 1902 pois está na sessão de 15 de Abril de 1902 da turma da 1.^a classe, mas não assina a acta, pois está noutras reuniões em 15 de Abril de 1902, tal como consta do livro de actas da 5.^a classe e da 4.^a classe. É provavelmente o resultado das duas reuniões se realizarem à mesma hora. Está no dia seguinte na sessão de 16 de Abril de 1902 da 3.^a classe. São reuniões destinadas, essencialmente, ao apuramento das notas de habilitação literária, procedimento e frequência dos alunos desta classe relativos à seguinte quinzena do respectivo mês, sendo os resultados lançados no livro respectivo. Serviram para fazer a distribuição do serviço para a quinzena seguinte dos docentes da turma da 3.^a classe. Não estive na sessão de 1 de Maio de 1902, mas foi à sessão de 16 de Maio de 1902 que tinha a seguinte distribuição relativa às Ciências Naturaes: repteis e aves. Na sessão de 16 de Junho de 1902, como programa para as SN temos o tema “Botânica: exercícios práticos e princípios de classificação de plantas. Famílias”.²³

De acordo com Mesquita (1943, pp.129-134), em 4 de Fevereiro de 1903 faz a proposta de mudar a Biblioteca para a Sala do Conselho e facultar a sua frequência aos alunos. Em 9 de Maio de 1904 o Reitor propõe um voto de louvor ao professor de Ciências Naturais Bettencourt e aos alunos Gaspar Bacelar, Álvaro da Costa, Manuel Paiva Júnior, Anacleto Paiva, Américo Leão e Henrique Pinto por terem organizado e mandado imprimir o inventário da Biblioteca. Em 1 de Março de 1907, pergunta pela verba de 480\$00 que obtivera do governo em 1905. Foi-lhe respondido que 155\$00 tinham sido aplicados em mobília para o Liceu da qual se encarregara o marceneiro José Mendes Guerra. Mas, nada se diz sobre o resto do dinheiro. Em 2 de Dezembro de 1908 lê o projecto de regulamento das excursões escolares. Em 5 de Fevereiro faz uma representação ao governo sobre as instalações do Gabinete de Física por estar em estado de deficiência manifesta, que foi aceite por unanimidade pelo conselho escolar.

Quando estive no antigo Liceu de Lamego em 9 de Abril de 2010, procurei no catálogo os livros quer de José Júlio Bettencourt Rodrigues pai quer de José Júlio Bettencourt Rodrigues. Encontrei alguns no catálogo, mas não estavam no seu lugar. Talvez estivessem já desaparecidos desde 24-7-1925 quando “o professor Afonso, bibliotecário desde 16 de Janeiro último, diz que os professores ainda não tinham apresentado a relação de livros que levaram para casa, excepto o professor Pinto de Lemos que a apresentou. Sem essas relações não se pode averiguar dos livros desaparecidos até à data. Considera, além disso, como desaparecidos os livros do catálogo organizado pelo Dr. Artur de Miranda, que não estão nas estantes nem figuram nas requisições” (Mesquita, pp.149-150).

4.3.1 – O Pedagogo e Didacta das Ciências

²² *Arquivo da Diocese de Lamego*, Livro de Baptizados de 1904, pág. 66.

²³ *Arquivo da Escola Secundária Latino Coelho*, Livro de Actas da 3.^a classe de 23 de Outubro de 1901 a 27 de Maio de 1936, ff 7-8.

Em 1907, faltou durante o mês de Outubro e esteve em comissão de estudo no estrangeiro desde 1 de Novembro de 1907 a 30 de Setembro de 1908. Por ter tido um percurso profissional irregular anota-se no seu processo em data posterior a 1931²⁴ que “Não se faz a contagem do tempo total de serviço por haver dúvidas acerca do tempo que deve descontar-se.” De facto, em 1908 vai ser pensionista do Estado na Bélgica, para lá estudar como se faz o ensino da Química. Mas, já o sabia fazer. Esta sua prática inovadora é bem clara como se nota no livro de sumários anterior a este estágio.²⁵ Por outro lado, através de Joaquim Pintassilgo (2004), sabemos que no seu relatório afirmou que a química dos liceus deve ser “sobretudo e especialmente *uma ciência de laboratório*”, sublinhando “a extrema vantagem de habituar o estudante ao estranho prazer de chegar por si só a *resultados precisos e concretos*” (p.53).

Lamego conhecia as suas mudanças nas práticas lectivas, pois em 27 de Fevereiro de 1909 se anuncia em *O Progresso* que irá descrever nas suas páginas os trabalhos que os alunos têm executado nas lições práticas de ciências físico-químicas no ano lectivo de 1908-1909.²⁶ Explica que nas suas aulas “os alunos praticam por suas próprias mãos, o que em cinco palavras inclui, modéstia do professor à parte, uma pequena revolução pedagógica.” Explicita depois como obstáculo a esta inovação a desconfiança que os professores têm em relação à capacidade dos alunos, para justificar o prosseguimento e aplicação desta nova metodologia didáctica e por estar “côncio de que a massa intrínseca do aluno português não é inferior em poder de adaptação à de um aluno de outro país, resolvi ensaiar o processo que vi seguido pelo distinto professor Straetmans do Ateneu de Anvers, e não tenho que me arrepender. Assim, em cada corpo novo estudado na química, eu organizo uma série de experiências que os alunos depois repetem integralmente pelas suas mãos. Esta repetição e esta intervenção pessoal e directa do estudante dão os melhores resultados”.²⁷ Convém dizer que cada objecto é um elemento ou composto químico, restringindo as experiências à química.

José Júlio Rodrigues refere aí que o equipamento laboratorial é pobre e foi comprado há quatro anos e que não houve desde então qualquer outra aquisição. Só há algumas inovações no mobiliário e em alguns pequenos detalhes. Explicita então as experiências sobre o cloro, o bromo, iodo, enxofre e potássio.²⁸ Fala-se da conferência que deu no âmbito do segundo congresso pedagógico. Sabemos aí qual foi o sumário:

“O *ambiente*. O meio e as raças, correlações, germanos e latinos. Fronteiras linguísticas. Autonomismo e descentralização: complicações de organização. Elementos de diagnóstico tirados da Arte. Síntese do movimento intelectual belga.

O *ensino*. Linhas gerais da sua organização; a sua primeira alavanca, o professor e as suas prerrogativas; paralelo da sua situação moral e profissional com a do professor português. A intervenção do Estado; tutela, estímulos, recompensas, fiscalização. Fins e caracteres do ensino secundário. Elementos da formação de uma Pátria convencional.”²⁹

Devido à sua influência, o liceu de Lamego ganhou uma dinâmica de experimentação e de observação científica que manteve, embora com dificuldades decorrentes da guerra, bem como das restrições orçamentais (Mesquita, 1943).

²⁴ O documento não é datado.

²⁵ *Arquivo da Escola Secundária Latino Coelho*, Livros de Sumários.

²⁶ *O Progresso*, ano XXIV, nº. 1247, Lamego, 27 de Fevereiro de 1909, pág. 1, colunas 2 e 3.

²⁷ *O Progresso*, ano XXIV, nº. 1248, Lamego, 6 de Março de 1909, pág. 1, coluna 6 e pág. 2, coluna 1.

²⁸ *O Progresso*, ano XXIV, nº. 1251, Lamego, 27 de Março de 1909, pág. 2, colunas 3 e 4.

²⁹ *O Progresso*, ano XXIV, nº. 1254, Lamego, 17 de Abril de 1909, pág. 1, coluna 4.

4.4 - Leiria

Como reitor do Liceu de Leiria em 1909-1910, cargo para que foi nomeado em 9 de Dezembro de 1909³⁰, sete meses depois da sua transferência para Leiria em 6 de Maio de 1909 e visto de dia 8 desse mesmo mês³¹, vai contribuir para o progresso desta Escola, conseguindo o melhoramento das condições de funcionamento das salas de Ciências e a aprovação de dois cursos livres (Esgrima e Higiene).³² Mas, em 18 de Outubro de 1910, o Governo Provisório da República aboliu provisoriamente este cargo, fazendo substituir o Reitor por um professor a eleger pelo conselho escolar.³³ Em 1930, afirma-se que saiu de Leiria por ter sido nomeado professor efectivo do Liceu Central de Camões em Lisboa. Tinha aí cumprido cerca de um ano de serviço.

4.5 – O Liceu Camões

A saída de Leiria faz-se para o Liceu Camões onde é professor efectivo de 1910 a 1913. Será colocado em comissão aí logo em 15 de Outubro de 1910 conforme parecer da secção permanente do Conselho Superior de Instrução de 8 de Outubro de 1910, não sendo por isso demitido.³⁴ Entretanto em 1912 é nomeado vogal efectivo do Conselho de Arte e Arqueologia de Lisboa. Nesse mesmo ano é nomeado vogal e secretário da Comissão de Reforma do Ensino Secundário Português, sendo presidente Adolfo Coelho. É também vogal e secretário da Comissão para organizar as bases da adjudicação do Teatro Lírico, estando Viana da Mota como Presidente. É ainda secretário da redacção do jornal “As Novidades”. É ainda nomeado presidente dos júris da sétima classe dos liceus no Liceu Rodrigues de Freitas do Porto. Por fim é convidado para professor de Filosofia de Arte na Universidade Livre de Lisboa. Esteve portanto nesta escola dois ou três anos, preparando-se para ir para o Brasil.

Em 22 de Janeiro de 1912 era director do jornal “A Folha da Tarde”, um jornal de Lisboa cujo redactor principal era João Correia de Oliveira. Fazem parte da redacção os deputados Dr. Mattos Cid, Dr. José Montez, Dr. Carlos Amaro e Dr. Moura Pinto. Junta-se-lhes o Dr. Francisco Alves Azevedo, João de Almeida Arez e o Dr. Vasco de Vasconcelos. Tinha a colaboração e direcção artística de Hypolite Colomb. Note-se que Mattos Cid não sendo José de Mattos Sobral Cid, é com certeza seu familiar pois o pai deste se chama Augusto de Matos Cid.

José Júlio Rodrigues começa por ser director no n.º 1 de 22 de Janeiro de 1912. Aí publicita o seu livro de física. No n.º 3 passou a Director Gerente passando a responsabilidade política para os quatro deputados referidos. Entretanto, já tinha afirmado no n.º 1 ser o director enquanto o tio António Maria Bettencourt Rodrigues não regressar do Brasil, traçando-lhe a biografia de um grande homem de ciência, um grande democrata e um grande homem de bem. Entre os seus êxitos científicos, aponta a descoberta da cura da febre-amarela e a autoria de trabalhos notabilíssimos de psiquiatria e uma elevada cotação nos meios culturais. Em resumo, espera-o como messias desejado, assumindo logo que regresse a direcção da “Folha da Tarde”.³⁵

³⁰ *Diário do Governo*, ano 1909, n.º 291, Quinta Feira, 23 de Dezembro de 1909, pág. 4235, coluna 1.

³¹ *Diário do Governo*, ano 1909, n.º 105, Quinta Feira, 13 de Maio de 1909, pág. 1578, coluna 2.

³² Extraído de <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/lugares/osantigosliceu/newpage12.htm>, acesso em 18 de Fevereiro de 2010.

³³ *Diário do Governo*, ano 1910, n.º 11, Quinta Feira, 18 de Outubro de 1910, pág. 86, coluna 1.

³⁴ *Diário do Governo*, ano 1910, n.º 21, Sábado, 29 de Outubro de 1910, pág. 205, coluna 2.

³⁵ *A Folha da Tarde*, n.º 1, 1º ano, 22 de Janeiro de 1912, p. 1, colunas 2 e 3.

Também afirma que o jornal segue a linha política da União Republicana, a facção republicana mais à direita, acusando até em 1 de Fevereiro a classe operária de ser a capa dos monárquicos na contra-revolução que acaba de ser vencida. Lateralmente, demonstrando a preocupação de entender as razões do falhanço nacional, no n.º 4, de 25 de Janeiro, afirma que “somos bem as crianças da Europa” (p. 1, coluna 2). Questionará por isso a questão de ser o meio que condiciona a nossa capacidade de ter êxito pois temos claramente uma grande adaptabilidade e de uma inteligência incisiva e perspicaz. E tendo concluído que a nossa incapacidade não resulta da raça porque em qualquer lugar aonde vamos vencemos, conclui que é o meio social nacional, que nos minoriza e derrota. Infelizmente, não questiona o exercício do poder político para aí encontrar a terapêutica quase afirma não existir. Parece.

4.6 - Um Olhar atento para o Brasil

Em Maio de 1912, tentando já o mercado brasileiro, que é também o seu objectivo do seu livro *A Química prática dos Liceus*, diz explicitamente que foi feito para a *iniciação química* dos estudantes portugueses e brasileiros. Reforça esta ligação quando em 1913 escreve *Elementos de Física*, destinado a servir os alunos dos dois lados do Atlântico, onde sublinhará na terceira página que “com resumidas explicações matemáticas, ao corrente sob o ponto de vista elementar dos mais recentes progressos da ciência; servindo para os exames de admissão às seguintes Escolas Brasileiras: Escola Politécnica e Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Escola Politécnica de S. Paulo, Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e para os primeiros cursos de Física dos Liceus Portugueses”. No prefácio, escreverá por isso: “Concebido num espírito inteiramente elementar, este livro destina-se a preparar alunos para os exames de admissão às Escolas: Escola Politécnica do Rio de Janeiro, Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Politécnica de S. Paulo, Faculdade Livre de Ciências Jurídicas do Rio de Janeiro. Tocando em todos os pontos da ciência moderna embora sob uma forma leve, sem se prender em desenvolvimentos matemáticos que sua índole de simplicidade não comportava e estando de acordo com o ensino professado nos Liceus Portugueses nos primeiros anos de estudo desta ciência, este livro procura ser um manual *claro, assimilável e exacto*, que possa servir de prelúdio e iniciação a um estudo mais profundo, mais rigoroso e mais elevado, dos assuntos que nele se tratam. Lisboa, Maio de 1913”

4.7 - 1ª Estada no Brasil

Vai estar no Brasil de 1913 a 1920. Em 1914 será director com Oliveira Lima e fundador da primeira Escola de Altos Estudos do Brasil. Fará aí parceria com o Dr. Oliveira Lima, Dr. Clóvis Beviláqua, Dr. Rodrigo Octávio, Dr. Óscar de Sousa, Dr. José Veríssimo e Dr. Pontes de Miranda. A este último confiou uma Cadeira onde fez uma série de lições brilhantes celebradas pela imprensa da *Época* (Rodrigues, 1930, pág. 253). Em 1917 será professor extraordinário de Filosofia de Arte na Academia de Altos Estudos, onde era director o Conde Afonso Celso. De facto, na Academia de Altos Estudos - Faculdade de Filosofia e Letras que existiu de 1916 a 1921, fez o seminário “Filosofia da Arte” que foi ministrado entre Agosto e Setembro de 1917 (Guimarães, 1999, p. 95). Faz nestes dois projectos parceria com os melhores intelectuais brasileiros. Estava integrado num projecto que durou até 1921 (Guimarães, 1999), mas regressou a Portugal em 1920, regressando logo no ano seguinte ao Brasil.

Enquanto esteve no Rio de Janeiro frequentava a livraria Garnier onde conheceu os maiores intelectuais deste tempo, entre os quais José Veríssimo, Mário de Alencar, dizendo que este era uma figura toda *pianíssimo* ou em *si bemol*. Também conheceu Alberto de Oliveira, Nestor Victor, Garnier e, finalmente, Múcio de Teixeira, grande

poeta e grande Astrólogo. Na livraria Garnier, anota que é mais uma casa *assombrada de boa companhia*, uma congregação de espíritos de *elite*.

Podemos encontrar no texto “A Europa Louca”, inserto em *Silhuetas e Visões* as razões da sua desilusão com a Europa, onde se agitam “chefes de ocasião, como Maurras, que a ortodoxia excomunga e, entre os dogmas partidos em todos os campos da inteligência, da sensibilidade e da moral, florescem as artes estranhas, os ritmos de loucura, as arquitecturas espectrais”. Mostra como tudo está a mudar embora só os psicólogos mais preparados o vejam. Por isso, refere: “Essa dúvida que arde nas pupilas destes, cambia-se em luz de esperança nos olhos dos oprimidos.” Descreve então um ambiente pré-revolucionário em que:

“Marcham a par, com correlativa velocidade e em sentido inverso, o acréscimo irresistível dessa tremenda força de inércia e a degradação progressiva das energias e confianças dos dirigentes.

O desgaste de cima regula-se pela aglutinação crescente das vontades inferiores.

Ao comunismo que avança, responde o passivismo da burguesia indefesa que o atavismo de conforto inibiu.

É pois uma paranóia complicada essa polimorfa loucura que a Europa herdou da sua fabricação intensiva de cadáveres” (Rodrigues, 1930, págs. 11-12).

Afirma aí que o factor dissolvente vem da América, pois as mulheres se degradam, trazendo os americanos “para a garra de alguma horizontal de cínica palidez, perita em absorver dinheiro e as energias de um homem” (p. 12), explicando “que a mulher, desvairada pela necessidade e histerizada pelo ambiente, se entrega mais facilmente” (p. 13), pois “tudo amolece a alma e o corpo” (p. 16), dando origem a um frenesim de prazeres sem escrúpulo. Mostra-nos assim uma Europa decadente:

“A grande neurastenia europeia se diagnostica assim expressivamente, ou diante de um túmulo simbólico na sua face de *anseio* ou na sala trivial de um *dancing*, na sua face de *desalento e de saciedade*.

Esta loucura mansa tem em ensaio a sua terapêutica no imenso e ardente laboratório de Moscú.

Dali, estou crendo, sairão talvez, os mais certos, mas também os mais dolorosos processos, de advento de novas almas e de novas fórmulas!” (pág. 16).

Mostrando conhecer os processos históricos, explica como o Marquês de Pombal usou o poder para mudar Portugal, dando uma visão clara do estadista que se conformou em servir o rei, sendo condenado e logo perdoado por ser velho.

Regressa a Portugal em 1920 para voltar logo em 1921 ao Brasil.

4.8 – Portalegre

Em 1920 é reintegrado no professorado português como professor efectivo do Liceu Nacional Mousinho da Silveira. Pouco tempo se demora nesta cidade pois logo em 1921 é nomeado em comissão pelo governo português para estudo do ensino brasileiro, primário, médio, técnico, profissional e superior.

4.9 – 2ª Estada no Brasil

Em 1921 é professor contratado do curso de Química Industrial da Escola de Engenharia de Pernambuco no Recife, onde dirigia uma cadeira. Aqui, em 1919, após determinação do governo estadual de que os (poucos) veículos públicos empregassem álcool de cana de açúcar, sendo este da presidência do paraibano Eptácio Pessoa (1919 – 1922), os professores Aníbal R. Mattos José Júlio Rodrigues desenvolveram e testaram uma mistura a base de álcool e éter que batizaram de Motogás.³⁶

Desde esse ano 1921 e até 1928 é professor dos Institutos Secundário do Recife: Colégio Salesiano, Ginásio do Recife, Ginásio Osvaldo Cruz. Foi ainda analista oficial (explosivos, perícias de incêndio, etc.) e particular (trabalhos para empresas estrangeiras e nacionais). Presidente interino do Gabinete Português de Leitura, Fundador e Director da Universidade Livre, onde professaram Gilberto Freire e outros.

Destas duas estadas no Brasil teve como amigos alguns dos nomes maiores da cultura e da política brasileira como o Conde Afonso Celso, Rodrigo Octávio, Basílio de Magalhães, Silva Ramos, Landelino Câmara, D. Luiz de Castro, Conde de Nova Gôa, Lucílio Varejão, Araújo Filho, Aníbal Fernandes, Luiz Delgado, Walfrido de Andrade. Também dedicará um texto a Álvaro Costa Lins. No Recife fará alocações por ocasião da morte de Sacadura Cabral e mais tarde em prol de um monumento a este aviador para ligar Portugal e o Brasil e falará nos 73 anos do Gabinete Português de Leitura (Rodrigues, 1930). É durante esta estada que tem três filhos.

4.10 – Faro

Regressa a Portugal em 1929 e nesse ano é nomeado professor do liceu Central Alves Martins, Viseu, Liceu Central André de Gouveia, Évora e finalmente fica no Liceu Central de Faro, João de Deus, sendo nomeado Vice-Reitor deste Liceu no ano seguinte. Em 1930 foi delegado do Governo da República do professorado secundário e representante do Ministro da Instrução Pública no Congresso Internacional de Ensino Secundário de Bruxelas. No ano seguinte, é nomeado para iguais funções no Congresso Internacional de Ensino Secundário de Paris. Foi nele nomeado *Relator Geral* da medicina escolar nos Liceus, onde havia só três relatores gerais, sendo dois franceses.

Embora não se diga claramente ter sido ele o conferencista apresentado pela Universidade Popular do Algarve em 12 de Novembro de 1929, sabemos que falou sobre higiene e a falta de asseio em Faro, tendo dado aí o exemplo do Rio de Janeiro como “uma das cidades mais limpas e saudáveis do mundo”, tendo logo aí constituído como cavalaria da higiene um grupo de jovens. Parte da argumentação tem a ver com a necessidade de atrair turistas.³⁷ É natural que em Janeiro de 1930 seja nomeado presidente de uma comissão para elaborar no liceu o programa das festas do 1º centenário de João de Deus, referido como o imortal poeta do “Campo de Flores”.³⁸

Lopo em 15 de Fevereiro será o representante da UPA³⁹ na mesa da Conferência dada pelo Catedrático de Sevilha, Dr. Brioude a convite do professorado do Liceu.

³⁶ Extraído de <http://engenhariadesuperficies.wordpress.com/tag/historia/>, acesso em 5 de Junho de 2010.

³⁷ *Vida Algarvia*, Semanário Regionalista, ano 1, n.º 22, Faro 24 de Novembro de 1929, pág. 1, colunas 2 a 4.

³⁸ *Mocidade*, Folha da Cultura dos Estudantes Algarvios, ano 1, n.º 1, Faro 31 de Janeiro de 1930, pág. 2, coluna 3.

³⁹ Universidade Popular do Algarve.

Tem o título “A Ciência? E depois?”⁴⁰ Só pela crítica de estas conferências serem só para uma elite reduzida é que sabemos que falou sobre Arte. Como resultado, resolve-se transformar a Universidade Popular do Algarve em cursos regulares sobre temas como geografia, história, arte, que serão sempre elementares.⁴¹

José Júlio Rodrigues começa a nova etapa de publicar um inróito a um livro inédito “Filosofia do êxito” e subtítulo “Stática da Questão”, sendo o primeiro capítulo sobre os “Factores ingénitos da vitória”, falando sobre a capacidade obter êxito para alicerçar uma pedagogia do futuro que permita transformar cada aluno num vencedor. Entramos com ele na análise da economia do esforço e no estudo da capacidade de resiliência que permita formar vencedores.⁴² Contudo, faz-nos reparar que esta se consegue a partir da hipertrofia de características individuais com atrofia de outras. Exemplifica com o triunfo no ganho de dinheiro, força e política, que a astenia moral é comum aos que têm êxito económico e político e a insensibilidade aos que ganham no campo da força. Retorna à análise psicológica com que explicava a arte em 1910.⁴³

Nomeado Reitor do Liceu de Faro, a vida não lhe corre bem, pois durante um almoço de confraternização dos seus professores no final do ano lectivo de 1931-1932, anota-se que faltou por indisposição momentânea o Reitor, Dr. José Júlio Rodrigues, que só apareceu no fim do almoço.⁴⁴ A razão podia ser o divórcio em curso ou a disputa que teve com Eduardo Antonino Pestana, como sabemos através de uma carta aberta que escreveu a este. Republica *Silhuetas e Visões*, uma versão alargada em relação à versão brasileira de 1927. Mostrando ter outra família no Brasil dedica-o:

“À mãe queridíssima dos meus filhos
Luís, Aldo e Raúl,
bondade puríssima
inteligência perfeita
J.J. R.

Os filhos brasileiros tinham nascido na década de 1920, Luís em 24 de Março de 1922, Aldo 30 de Junho de 1926 e Raoul em 12 de Fevereiro de 1928 (Rodrigues, 1930, p. 19). Dedicá-lhes um texto de interpretação do estado actual da ciência intitulado “Ilusão da Matéria”. É onde conclui: “E ainda lhe foi supremo conforto, no desengano absoluto das Formas e das Substâncias, a certeza da indestrutibilidade do AMOR, flor única, compatível com a Soberania Universal da ILUSÃO” (pp. 35-36).

Dedicará também um texto às filhas.

Recordando como viveu a aquisição da sua cultura, sente a desilusão do fim de uma Arcádia Perfeita, virando-se para a análise do marxismo como um passo para a sua Ressurreição, mas não crê em tal ventura pois: “Doutrina de oportunismo e transição, o marxismo joga com dois factores inexpressivos numa Arcádia perfeita: - *Capital e Trabalho*. O Marxismo é um ensaio de entente entre dois poderes rebeldes e antagónicos, cujo equilíbrio regula toda a dinâmica do mundo humano” (pág. 52).

⁴⁰ *Mocidade*, Folha da Cultura dos Estudantes Algarvios, ano 1, n.º 2, Faro 15 de Fevereiro de 1930, pág. 1, coluna 1.

⁴¹ *Vida Algarvia*, Semanário Regionalista, ano 1, n.º 32, Faro 9 de Fevereiro de 1930, pág. 1, coluna 1.

⁴² *Vida Algarvia*, Semanário Regionalista, ano 1, n.º 32, Faro 9 de Fevereiro de 1930, pág. 1, coluna 3.

⁴³ *Vida Algarvia*, Semanário Regionalista, ano 1, n.º 33, Faro 16 de Fevereiro de 1930, pág. 1, coluna 3.

⁴⁴ Extraído de promontoriadamemoria.blogspot.com/search/label/Curiosidades%20hist%C3%B3ricas%20e%20culturais%20de%20FARO, acesso em 31 de Maio de 2010.

Como esta não se moldou ao tipo de associação cristã, não podendo renovar o viver arcádico, conclui por isso que: “ É um paliativo, que cederá o passo a fórmulas mais elementares, saídas de um plano mais profundo de consciência.

Ainda a austera retrogradação tolstoiana, no seu simplismo desataviado, marca um caminho melhor para a reconstrução do Bem perdido” (pág. 53).

Regressa por isso à Imitação de Jesus Cristo, como caminho próprio porque feito de simplicidade e pureza para nele retornar à Arcádia perdida. E em Faro, como homem da Arcádia rapidamente se integra no grupo de intelectuais locais, que lidera, e que fazem estudos de arqueologia para atrair turistas e criar riqueza. São seus companheiros nesta militância para a salvação de Ossónoba – Rainha do Âmbar, Dr. Justino Bivar, Dr. Cândido Guerreiro, Dr. Simões Miranda, Capitão Manuel Alexandre, o presidente da Comissão Administrativa Municipal, Dr. Mário Lister Franco, um jornalista do Diário de Notícias, e Dr. José Dentinho (Rodrigues, 1930).

Recordará Cândido Guerreiro, um desconhecido poeta algarvio que Agostinho de Campos chamou “o irmão de Luís de Camões” (Rodrigues, 1930, pág. 326).

Mostrando os conflitos que teve, escreve em 1933 uma carta a Eduardo Antonino Pestana que classifica de vilão, penitenciando-se da sua ingenuidade, que o fez acreditar na honestidade deste colega. Dirá então: “Prevendo que o sr. cairá em escrúpulos de consciência, em resultado da minha despedida do professorado e da minha retirada definitiva para o estrangeiro, julgo-me obrigado de tão amargas preocupações com os esclarecimentos seguintes:” No fim, justifica a sua partida para conseguir desenquadrar-se “tão gostosamente do **pobre rebanho pedagógico que sofre a ignomínia inexcusável de o ter como mentor**”, sentindo apenas o despeito de se ter deixado levar por este mariola que se aproveitava da situação criada pela Ditadura Militar para fazer pela vida. Trata-se na verdade de um texto que explica o processo como o fascismo português conseguiu arregimentar muitos dos seus apaniguados, muitos deles políticos venais e claramente oportunistas.

4.11 – 3ª Estada no Brasil

Farto de situações de oportunismo que assim denuncia, regressa ao Brasil sendo professor inscrito na Directoria Geral da Educação do Ministério da Educação Nacional do Brasil para o ensino das ciências físicas e naturais). Aí é até 1935 professor de vários estabelecimentos do ensino secundário, estando nesta terceira estada dois anos.

4.12 – Porto e Viana do Castelo

Em 1936 é nomeado professor do Liceu Alexandre Herculano. Mas, em 1937 é nomeado professor efectivo do Liceu Gonçalo Velho de Viana do Castelo. Volta em Fevereiro de 1940 ao Porto para ser aí professor efectivo de ciências no Liceu Rodrigues de Freitas. A sua carreira profissional termina no Porto em 1944 e aí escreverá um conjunto de textos literários. Num dos livros publicados em 1940, dedicado aos filhos, com o título *Contos e Novelas* existem quatro contos em que o maravilhoso entra a par de uma troça benévola com que finaliza os contos. No final da sua vida, temendo as consequências da II Guerra Mundial e das miragens em torno do volfrâmio, escreve sobre a degradação da vida social, escreve sobre as indignidades e queda dos que acreditaram na fortuna que esta “*Pedra do Demónio*” iria fazer surgir e que desapareceram subitamente, criando desta forma renovadas misérias morais.

Ao fim de 44 anos de trabalho, tinha prestado em Portugal cerca de 27 anos de serviço, um na Escola Central de Agricultura, um no Liceu de Angra de Heroísmo, sete no Liceu de Lamego, um no de Leiria e três no Liceu Camões, um no Mouzinho da Silveira em Portalegre e quatro em Viseu, Évora e Faro e finalmente 8 anos no Porto e Viana do Castelo. Os restantes anos passou-os no Brasil, 17 no total.

Tinha tido uma vida intensa onde a certo momento parece ter deixado de ser o pedagogo empenhado que admiramos, pois nos parece ter sido cilindrado nos meandros de uma vida bem complicada e cheia de conflitos que adivinhamos.

6 – A Metodologia da simplicidade

Publica em 1911 o Tratado Elementar de Física ilustrado com 482 gravuras espalhadas por 612 páginas, onde tudo é explicado para ligar às diversas inovações científicas, traçando como o objectivo de estar em dia com todos os progressos da ciência e, implicitamente, preparar os alunos para os Trabalhos Individuais Educativos. No prefácio, escreve por isso:

“Visa este trabalho a suprir a lacuna que hoje existe no ensino da Física na 4ª e 5ª classe dos Liceus. Sendo certo que um Compêndio para esse fim, embora com feição elementar, deve estar em harmonia com os progressos da ciência, procurei, com as explanações teóricas indispensáveis, fornecer ao estudante o maior número possível de indicações práticas e facilmente comprováveis.

De acordo também com as linhas gerais do programa brasileiro dos ginásios ele dirige-se igualmente a encaminhar os estudos médios dos alunos daquele país. A rapidez com que foi composto e impresso, com o fim de achar-se concluído no começo do ano lectivo actual, explica deficiências de revisão e erratas que vão compendiadas numa resenha no final do volume. Esses e outros defeitos de exposição que a obra encerra serão cuidadosamente revistos e expurgados em edições ulteriores.

Aos ilustres membros do professorado, snnrs. Dr. António dos Santos Lucas, professor eminente da Escola Politécnica e Dr. Alberto Sá Marques de Figueiredo, do Liceu Central de Camões, aqui expresso os meus agradecimentos pelas preciosas indicações que lhes devi na factura desta obra.

Ao meu discípulo e actual estudante de engenharia na Escola de Gand, snr. Eduardo Moreira Simas, a minha gratidão que me prestou na confecção de muitos desenhos deste livro e pela solicitude com que se encarregou dos trabalhos de revisão, etc.

Lisboa, Setembro de 1911

José Júlio Rodrigues” (1911, pp. V-VII).

Muito atento às descobertas recentes, explicita: “O brasileiro *Santos-Dumont* porém, fez modernamente experiências brilhantíssimas, em que pela primeira vez, seguiu em balão cilindro-cónico, trajectórias determinadas, contornando a torre Eiffel, e ganhando o prémio instituído por mr. Henry Deutsch. A ele cabe a honra de ter tornado um facto positivo e realizado a direcção dos balões. O seu êxito como o de outros experimentadores modernos, deve-se sobretudo à entrada nos usos correntes da indústria do motor explosivo (adoptado nos automóveis) de peso mínimo e de grande potência (motor de petróleo vaporizado misturado com ar)” (Rodrigues, 1911, pp. 221-222). E mostrando como liga ciência com arte, escreve: “É conhecido que o grande pintor Rubens quando queria realçar os mantos amarelos dourados dos apóstolos dos seus quadros, orlava a sua sombra de tons violetas. Em pintura, as regras de emprego das cores complementares são conhecidas de todos os coloristas” (Rodrigues, 1911, p. 390). Mostrando conhecer bem como se processa a fabricação

de fotografias e de filmes, escreve com segurança e detalhe de modo elementar sobre estes temas, assim como já tinha explicado os fenómenos ópticos (Rodrigues, 1911, pp. 424-431). Demonstra deste modo como a física se liga não só aos fenómenos actuais mas também foi construída como conhecimento ao longo dos séculos, processo histórico que explicita ao mesmo tempo que explica as diversas aplicações e experiências associadas. Com um cuidado extremo, nos livros didácticos que publica, conduz os alunos de forma segura para a experimentação, estando na génese dos Trabalhos Individuais Educativos, escrevendo no prefácio do volume I de *A Química prática dos Liceus*:

“Um livro de manipulações químicas quando especialmente visa a industriar os principiantes de laboratório deve, a meu ver, entrar nas seguintes condições: ser conciso; ser completo; ser exacto no pormenor.

O estudante deve nele encontrar a resposta às suas primeiras curiosidades de laboratório. Os objectos com que neste vai lidar, deve achá-los ali reproduzidos e descritos, sem olvido de detalhes que, parecendo, às vezes frívolos, não raro produzem desastres pela sua omissão.

Este livro foi feito para a *iniciação química* dos estudantes portugueses e brasileiros.

O julgado da prática e do tempo dirá se ele satisfatoriamente preencheu essa missão.
Lisboa – Liceu Camões
Setembro, 1912”

Este volume começa por essa razão com os mandamentos do trabalho de experimentação química, que faz de modo muito detalhado para formar os alunos no trabalho como químicos. Há fotografias do seu estágio na Bélgica e muitas gravuras. São 261 só no primeiro volume onde explicita os objectivos e metodologias a seguir nas experiências laboratoriais. No segundo volume, feito na mesma altura, escreve:

“Este livro abrange as manipulações da química geral inorgânica elementar que constituem nos liceus portugueses a maior parte do programa do quarto, quinto e sexto anos. Para seguir uma linha mais metódica não incluí neste volume a parte desses programas que se refere à química orgânica. Essa parte é toda tratada sob o ponto de vista elementar no terceiro e último volume deste curso de trabalhos práticos. Este volume contém, portanto, o estudo dos principais metalóides e as suas mais importantes combinações. Em aditamento fala-se ligeiramente dos metais que dão, no estado puro, origem a poucas experiências e dá-se uma ideia de ensaios analíticos simples para familiarizar os alunos com a análise química.

Lisboa – Liceu Camões

Setembro, 1912”

Contrariamente ao primeiro, este segundo volume quase acaba com as regras de trabalho aplicáveis às experiências antecedentes e bem menos gravuras. São só 75, mas explicitam bem as metodologias nos trabalhos práticos. No terceiro volume, escreve:

“As manipulações de química orgânica são em geral delicadas. Escolhemos portanto para este livro apenas aquelas que podem melhor fazer-se de uma maneira simples e demonstrativa e que se referem a corpos que pela sua extrema importância é preciso conhecer praticamente.

O estudo minucioso da técnica da análise orgânica e de certos corpos complexos, da fabricação de isómeros, etc. pertence a um livro de manipulações para curso superior. Através deste curso completo de prática elementar, timbrámos em conservar-lhe o carácter de simplicidade e nitidez adequado à posição que na educação química geral conserva esta altura dos conhecimentos.”

Este volume não indica a data quando foi feito o prefácio, que revela menos cuidada redacção e tem só 54 gravuras. O volume termina com o capítulo XVI, onde encontramos a série completa de experiências de química orgânica descritas neste livro, fazendo uma listagem das variadas espécies de material necessário para as executar, dando ainda notas para uma análise geral dos sais conforme a natureza do ácido que contêm e os compostos orgânicos não tratados neste livro e as suas características práticas mais importantes. No Curso Elementar de Química Geral para o qual tinha previsto 3 volumes, no único volume que conhecemos, num prefácio de introdução teórica ao estudo da química sob um ponto de vista elementar encontramos o seguinte:

“A química descritiva é um repositório de factos em que se apoiam as leis ou enunciados gerais. A ordem de criação e factura de uma ciência é a ascensão desses factos acumulados a esses princípios abstractos.

A ordem didáctica, difere, porém, da ordem histórica e cronológica. No sentido, convém que o exposto das teorias proceda em grande parte o estudo minucioso dos fenómenos.

A minha experiência profissional diz-me que para a retentiva do estudante há tudo a ganhar em condensar-lhe num campo resumido os mais importantes dados teóricos. Nesta ordem de ideias e como prefácio ao meu curso completo elementar de Química Geral, aqui compendio num rápido esboço e de acordo com os modernos pontos de vista da ciência, quanto é necessário que o estudante de um curso médio conheça de filosofia e generalidade química.

Duas qualidades busquei neste meu intuito teórico: ser completo, simples e conciso.
Lisboa – Liceu Camões, 5 de Dezembro de 1912”

Este livro tem bem menos gravuras e aposta sobretudo nas fórmulas químicas em que é abundante. Existem muitos cálculos e na verdade o seu nível teórico é já elevado, afastando-se da experimentação destinada a alunos do ensino liceal. Associada a metodologia estão os mandamentos do trabalho que preconiza e que são estes:

1. “Em princípio desconfiar de tudo. Não tocar em aparelhos desconhecidos ou manipular reagentes de cujas qualidades se não esteja absolutamente ciente.
2. Não se encostar ao mobiliário de laboratório.
3. Não se respirar qualquer vapor ou gás, produzido em experiências.
4. Nunca aquecer *bruscamente* qualquer corpo sólido ou líquido.
5. Nunca perder de vista um aparelho em marcha mas não aproximar muito dele os olhos.
6. Usar uma blusa de trabalho que encubra o corpo todo.
7. Verificar sempre cuidadosamente se o arejamento do laboratório é deficiente.
8. Ter o máximo cuidado com as torneiras de gás no laboratório.
9. Trabalhar quanto possível com pequenas quantidades de reagentes.
10. Ser sereno, frio, prudente e conversar pouco durante os trabalhos de química.”

Dando o exemplo, faz-se fotografar envergando uma blusa de trabalho no Liceu Camões, que publica na página 65 do primeiro volume de *A Química prática dos Liceus*. Voltará ao tema segurança no segundo volume deste livro (pp. 190-193) para

indicar as três razões gerais porque ocorrem os desastres e as doze regras a cumprir pelo professor para os evitar. Aí, publica mais conselhos assim expressos:

“Regras de trabalhos aplicáveis às experiências antecedentes

Deve haver o maior cuidado na regulamentação dos trabalhos práticos da química nos liceus ou nos ginásios:

Os desastres em regra provêm:

1º - *Incompleto conhecimento que o aluno possui da experiência ou experiências que vai executar.*

2º - *Da falta de prática do uso dos reagentes e portanto do desconhecimento de algumas características destes.*

3º - *Da distração ou falta de precisão.*

Para evitar estes casos de desastre que podem, como se compreende, trazer consequências gravíssimas, convém que o professor siga no seu trabalho de laboratório as seguintes regras:

1ª – *Escrever no quadro negro do laboratório, de forma bem legível, a série de experiências que devem executar-se.*

2ª – *Desenhar todos os aparelhos (em esquemas) que os alunos devem montar.*

3ª – *Fazer uma curta e nítida prelecção sobre os reagentes que se vão empregar nessas manipulações, frisando as suas características mais importantes.*

4ª – *Dividir os alunos em grupos e não confiar nunca, sobretudo nos primeiros trabalhos, um aparelho a um único aluno, mas pelo menos a dois (por) quem se dividirão os trabalhos.*

5ª – *Assinalar à entrada do laboratório o lugar de trabalho de cada grupo, mandando previamente colocar nesse lugar pelo ajudante ou preparador, todo o material de vidro, cortiça ou borracha e reagentes necessários para a factura das experiências.*

6ª - *Indicar em cada grupo de alunos a que seja confiado um aparelho, qual a missão que cada um tem de preencher. Assim, por exemplo, no aparelho do cloro, confiar-se-á a experiência a três alunos. Um carregará o balão produtor e vigiará a marcha da reacção e o movimento do líquido no tubo de segurança. Outro receberá o gás nas provetas respectivas. Outro servirá de ajudante aos dois, dando-lhes os reagentes precisos, trazendo-lhes os frascos, etc. Cada um cumprirá só a missão de que foi incumbido.*

7ª – *Obrigar cada aluno a escrever, uma vez as suas experiências findas, no quadro negro do laboratório as equações referentes a todos os fenómenos que presenciou. A prática desacompanhada de teoria é absolutamente estéril.*

8ª – *Obrigar os alunos a inscreverem durante a própria sessão de experiências os resultados destas nos seus cadernos de prática, desenhando nestes os competentes aparelhos esquemáticos, etc.*

9ª – Nomear para cada sessão de entre os alunos um ou dois monitores gerais do laboratório que vigiem os alunos por turnos, não para efeito de denúncia ou de polícia, mas para o efeito científico da marcha de trabalho, notando as alturas em que cada grupo se acha e auxiliando o professor na condução dos trabalhos.

10ª – De oito em oito dias, o máximo, exigir a apresentações de todos os cadernos de prática, obrigando-os a estar perfeitamente em dia.

11ª – No laboratório exigir silêncio e evitar vivacidade de movimentos, não permitindo que os alunos se apoiem às mesas ou se afastem do seu aparelho em marcha.

12ª – Findos os trabalhos exigir que cada grupo de alunos arrume todo o material de que se serviu, a não ser em casos especiais em que os frascos contenham resíduos tóxicos ou deletérios que se deixam num local apropriado ou sob as hottes, para o servente lavar.”

Epílogo

No seu último trabalho, publicado em 1948, ano da sua morte, vemos como estava bem ligado à Cultura Brasileira, fazendo a ponte entre Portugal e o Brasil, cujas culturas mostra conhecer bem. Nota-se nos *Comentários* em 1948 como se relaciona bem com Pedro Calmon e outras figuras destacadas da cultura brasileira e, também, como introduz bem na cultura local os portugueses de passagem no Brasil.

Antes em *O Brasil... de Relance*, o resultado de diversos artigos publicados no Jornal de Notícias do Porto e alguns jornais do Recife, tinha mostrado como conhecia o Brasil de lés-a-lés na sua variada natureza, classes sociais e regiões, sendo capaz de falar de tudo com segurança manifestada no bom humor e ternura com que descreve cenas da vida quotidiana brasileira. Estava assim preparado para dar conselhos aos que pensavam emigrar sem medir as consequências. Trata-se de um novo tempo de interesse pelo Brasil que é necessário tornar realista para que o insucesso não surja inesperadamente. Em tudo, José Júlio Rodrigues é um conhecedor seguro da cultura e economia brasileira como reconhece Mendes Correia que prefacia este livro.

Não conhecemos contudo o que passou com os seus filhos Germano, Luís, Aldo e Raúl pouco sabemos também das filhas Maria Alice e Vera. Nada sabemos do filho Júlio. E talvez isso fosse o importante para percebermos melhor a sua vida e a sua obra.

Referências:

António Bettencourt-Rodrigues – *Medicina e Médicos, Factos e Comentários*, Lumen, Lisboa, 1922.

Lucia Paschoal Guimarães – A presença do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro no campo da educação superior: o projeto da Academia de Altos Estudos - Faculdade de Filosofia e Letras (1916-1921). *Rev. hist.* [online]. 1999, no. 141, pp. 91-100.

Ernesto Castro Leal - A Ideia de Confederação Luso-Brasileira nas primeiras décadas do séc. XX, *Ibérica – Revista Interdisciplinar de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos*. Universidade Federal de Juiz de Fora (Brasil), ano III, nº 12, Dezembro/2009-Março/2010, pp. 5-20.

Horácio Afonso de Mesquita – *Liceu de Lamego*, Edições Crisos, 1943, Lamego.

Joaquim Pintassilgo – Imagens e Leituras da Educação Nova em Portugal. Relatórios de Bolseiros Portugueses em visita a instituições educativas europeias (1907-1909), Comunicação à *International Standing Conference for the History of Education – ISCHE 26*, 14 e 17 de Julho de 2004, Genève, Suíça.

José Júlio Rodrigues, notícia por – *A secção fotográfica ou artística da Direcção Geral dos Trabalhos Geodésicos no dia 1 de Dezembro de 1876*, Lisboa, Typografia da Academia Real das Ciências, 1878.

José Júlio Rodrigues – *Simples Apontamentos de Alguns Trabalhos e Serviços durante 28 anos de Vida Pública*, Julho de 1892, Lisboa, Typ. da Academia de Ciências.

José Júlio Rodrigues – *A Música de Wagner*, Antiga Casa Bertrand – José Bastos, Lisboa, 1898.

José Júlio Rodrigues – *Silhuetas e Visões*, Revista da Cidade, Recife 1927, 242 págs. com outra edição em Faro, 340 págs., Editor, Armelim Cácia, 1930.

José Júlio Rodrigues – *Carta a Eduardo Antonino Pestana*, BMP – AC – 958 (23).

José Júlio Rodrigues – *Contos e Novelas - Quatro Contos infantis*, Editora Educação Nacional, Porto, 1940.

José Júlio Rodrigues – *O Brasilde relance*, Prefácio de Mendes Correia, Editora Educação Nacional, Porto, 1941.

José Júlio Rodrigues – *Na Índia. Cenários. Lendas. Evocações*, Portico de Osório de Castro e Armando Leça, Edições Marânus, Porto, 1943.

José Júlio Rodrigues – *Pedra do Demónio*, Parceria António Maria Pereira, Lisboa, 1946.

José Júlio Rodrigues – *Comentários do Prof. Dr. José Júlio Rodrigues às lições proferidas durante o ano lectivo de 1947*, na cátedra do “Instituto de Estudos Portugueses Afrânio Peixoto” do Liceu Literário Português (Fundação José Gomes Lopes), Rio de Janeiro 1948.